

Esta edição possui os mesmos textos ficcionais das edições anteriores.

Manobra radical

© Edith Modesto, 2003

Gerência editorial Kandy Saraiva

Edição Andreia Pereira

Gerência de produção editorial Ricardo de Gan Braga

ARTE

Narjara Lara (coord.), Nathalia Laia (assist.)

Projeto gráfico & redesenho do logo Marcelo Martínez | Laboratório Secreto

Capa montagem de Marcelo Martínez | Laboratório Secreto sobre ilustração de Laurent Cardon

Editoração eletrônica Nathalia Laia

REVISÃO

Camila Saraiva, Flávia Andrade Zambon e Laura Vecchioli

ICONOGRAFIA

Silvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

Crédito das imagens Arquivo pessoal (p. 164); Luiz Carlos Modesto (p. 166)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M695m

2. ed.

Modesto, Edith 1937-

Manobra radical / Edith Modesto - 2. ed. - São Paulo : Ática, 2017.

168 p. (Vaga-Lume)

Apêndice

ISBN 978-85-08-18463-7

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Título. II. Série.

17-39690

CDD: 028.5

CDU: 087.5

CL: 739975

CAE: 619981

2018

2ª edição

4ª impressão

Impressão e acabamento:

ea

editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A., 2017

Avenida das Nações Unidas, 7221

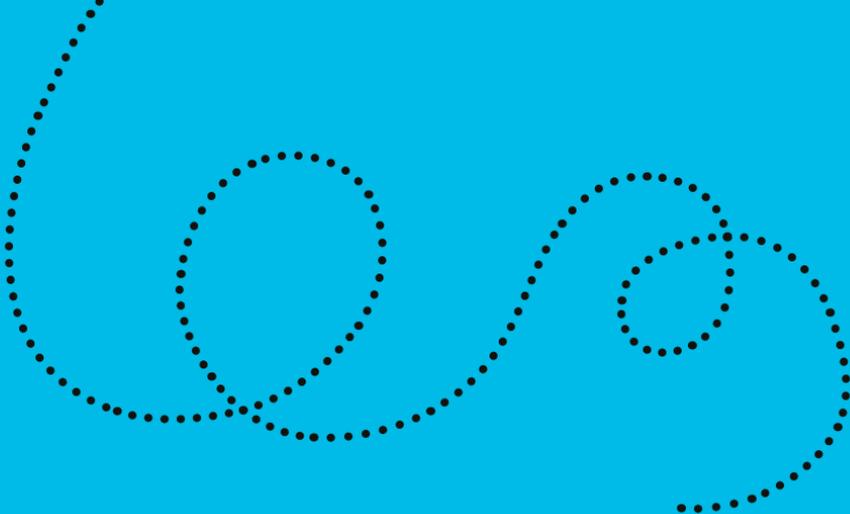
Pinheiros - São Paulo - SP - CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 - atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

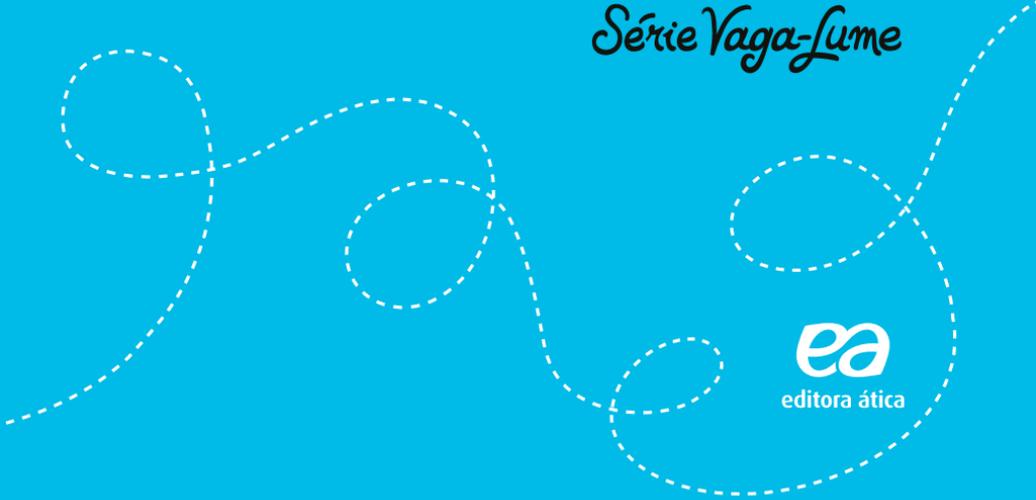




*Manobra
Radical*

EDITH MODESTO

Série Vaga-Lume



ea

editora ática

Unidos pelo skate

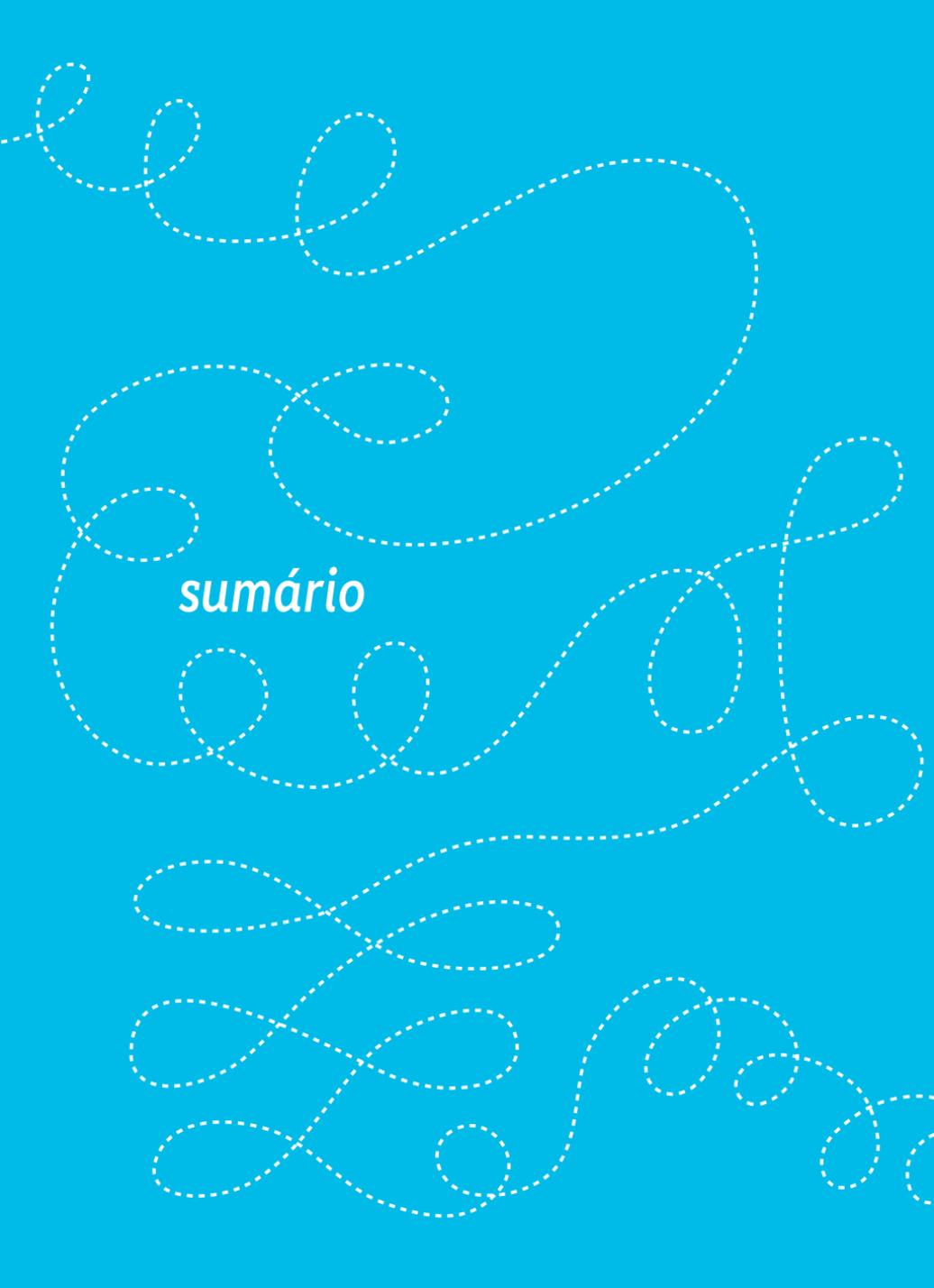
APÓS MUITO SACRIFÍCIO ECONOMIZANDO O POUCO QUE GANHA como flanelinha e guardador de carros, Robson consegue comprar um *skate* novo. É o primeiro passo para realizar seu grande sonho: ser skatista profissional e ajudar a madrinha, com quem mora num barraco de favela, a ter uma vida melhor.

Para faturar uns trocados a mais, aceita a proposta de ensinar o que sabe a Júnior, um garoto rico que quer conquistar uma colega de escola provando que sabe se equilibrar no carinho e barbarizar nas manobras. Mas, para poder se relacionar com Robson, Júnior tem de esconder dos pais a verdadeira história do garoto e inventa que ele é instrutor de uma academia.

Não bastasse o preconceito, tudo contribui para pôr em dúvida a honestidade de Robson. Primeiro, os pais de Júnior descobrem sua verdadeira identidade; depois, o furto de um veículo e as suspeitas que recaem sobre ele; por fim, o desaparecimento da carteira do pai de Júnior, e tudo levando a crer que foi ele o responsável.

Em meio a isso tudo, é possível nascer uma amizade franca entre os dois garotos?

Nas páginas seguintes, acompanhe a emocionante história de dois jovens separados por mundos tão diferentes, mas unidos por um esporte que exige coragem e habilidade para saltar sobre todo tipo de obstáculos, inclusive os preconceitos.



sumário

<i>capítulo 1.</i>	
Uma resolução repentina	13
<i>capítulo 2.</i>	
A professora e o flanelinha	16
<i>capítulo 3.</i>	
O sonho do menino pobre	19
<i>capítulo 4.</i>	
O mauricinho	22
<i>capítulo 5.</i>	
Mudando de ramo	26
<i>capítulo 6.</i>	
Os “core-manos”	30
<i>capítulo 7.</i>	
Um skate da hora!	33
<i>capítulo 8.</i>	
Os ecos da periferia	37
<i>capítulo 9.</i>	
O início de uma amizade impossível	40
<i>capítulo 10.</i>	
O rival ataca	43
<i>capítulo 11.</i>	
O campeonato	46
<i>capítulo 12.</i>	
Caindo na própria armadilha	51



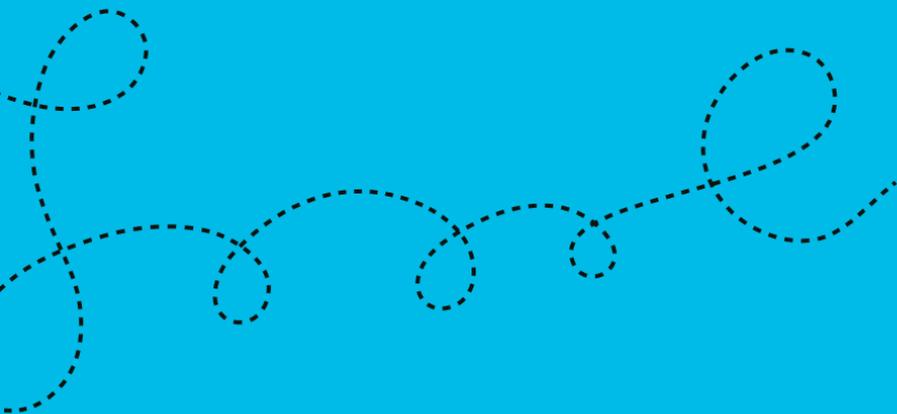
	<i>capítulo 13.</i>	
	Macaco?	53
	<i>capítulo 14.</i>	
Entre o tênis, o golfe e o skate		56
	<i>capítulo 15.</i>	
A proposta		59
	<i>capítulo 16.</i>	
Defendendo o que é seu		63
	<i>capítulo 17.</i>	
A primeira aula		66
	<i>capítulo 18.</i>	
O esporte aproxima as pessoas		71
	<i>capítulo 19.</i>	
O doutor Ricardo		76
	<i>capítulo 20.</i>	
O empresário e o flanelinha		79
	<i>capítulo 21.</i>	
Tipos de ollie		82
	<i>capítulo 22.</i>	
Olha a educação!		85
	<i>capítulo 23.</i>	
Uma pista particular		87
	<i>capítulo 24.</i>	
Estranhos convidados		90





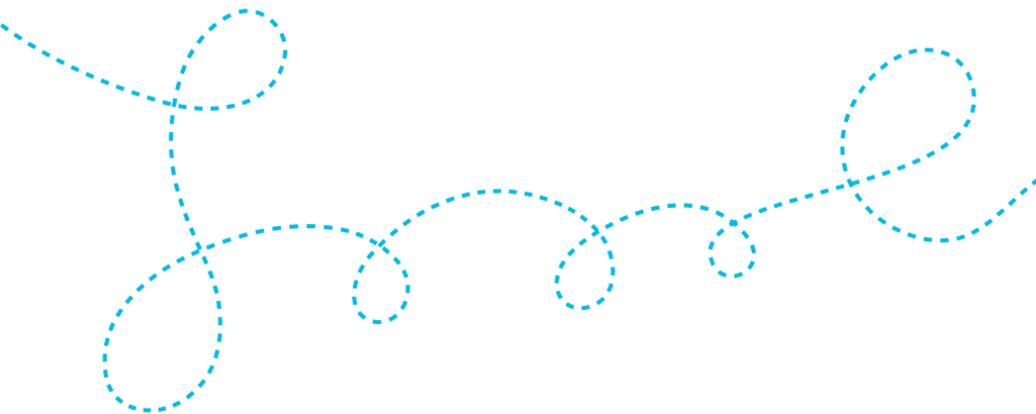
	<i>capítulo 25.</i>	
	O lanche	94
	<i>capítulo 26.</i>	
A mentira tem pernas curtas mesmo!		97
	<i>capítulo 27.</i>	
Uma questão de confiança		100
	<i>capítulo 28.</i>	
Na delegacia		103
	<i>capítulo 29.</i>	
Escapando pela tangente		108
	<i>capítulo 30.</i>	
Um prato cheio		112
	<i>capítulo 31.</i>	
A ideia de Juvenal		115
	<i>capítulo 32.</i>	
Os preparativos		118
	<i>capítulo 33.</i>	
A consulta ao advogado		122
	<i>capítulo 34.</i>	
Tudo a ver!		127
	<i>capítulo 35.</i>	
Um acontecimento muito desagradável!		131
	<i>capítulo 36.</i>	
Suspeitas		135

<i>capítulo 37.</i>	
A lição	139
<i>capítulo 38.</i>	
O direito de errar	145
<i>capítulo 39.</i>	
A visita	148
<i>capítulo 40.</i>	
Um dia depois do outro	153
<i>capítulo 41.</i>	
Isso que é festa!	155
<i>capítulo 42.</i>	
A demo	158
<i>Saiba mais sobre Edith Modesto</i>	164



*Para meus netos – Pedro, Daniel, Marcos, Gabriela, Mariana,
Paulo, Luiza e Valentina –, com muito carinho!*

*Agradeço ao jovem skatista Felipe Correa Lemos
as explicações sobre as manobras
e as cuidadosas leituras críticas.*





1. Uma resolução repentina

NAQUELA TARDE, DONA ROSA CHEGOU CANSADÍSSIMA. Ao fim de um dia de trabalho, era difícil para ela subir a ladeira esburacada até o barraco, puxando o carrinho de recolher papéis.

Dizem que não existe um catador de papel que não tenha o seu cão. Verdade ou não, atrás de dona Rosa veio um cachorro de tamanho médio, branco com manchas pretas, mancando ligeiramente de uma das patas traseiras.

Dona Rosa era negra, alta, e sempre vestia saias escuras e compridas até o meio das canelas. De longe, todos a reconheciam pelo toque exótico dado por um pano colorido arranjado como turbante, vestígio, talvez, de uma moda ancestral.

A mulher encostou o carrinho de madeira com rodas de pneu na parede do barraco. Depois, abaixou a cabeça e entrou no único cômodo de madeira tosca, dividido em dois por um pano preto, estampado com florzinhas brancas. Numa cantoneira próxima à porta, havia uma estatueta de Nossa Senhora Aparecida e uma oferenda de flores plás-

ticas desbotadas enfiadas num vasinho de porcelana. Pela estreita janela, agora aberta, os últimos raios de sol daquele dia de primavera formavam um desenho de luz no chão de terra batida.

Dona Rosa saiu logo em seguida do barraco, com uma bacia de plástico desbeijada cheia d'água.

— Bilu, vem! — chamou.

O cão vira-lata aproximou-se sedento. Enquanto ele bebia, a mulher observava com disfarçado carinho o seu amigo.

Um dia, dona Rosa chegara à favela com seu cão e o carrinho de catar papéis, para ocupar o barraco de um tal de Tião, que morrera de tanto beber. Quase um ano depois, de tão calada que era, ninguém sabia mais nada a seu respeito, além disso.

Naquela madrugada, mesmo tendo sono pesado, dona Rosa acordou com os costumeiros gritos e estampidos de tiros na favela. A mulher virou-se na cama de lona, tentando pegar novamente no sono, quando percebeu que um choro contido e desesperado vinha do barraco vizinho ao seu. Levantou-se, movida não se sabe por qual sentimento, e discretamente tentou inteirar-se do que ocorria.

Dois policiais estavam saindo do barraco ao lado:

— Teje presa! Traficante! — gritava o mais velho, truculento, levando uma mulher aos pescoções. As três crianças pequenas, dois meninos e uma menina, se agarravam à saia da mãe, gritando apavoradas.

— E os três negrinhos? — perguntou o policial mais moço.

— Vai tudo pra Febem* — explicou o outro, com autoridade.

Ao ouvir a sigla da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor, dona Rosa se desesperou e, sem atinar com o que fazia, gritou:

— O mais veio não, porque é meu afilhado!

A mulher avançou e, num ímpeto, pegou o pequeno Robson pela mão, com tanta convicção que inibiu a reação da autoridade. E, naquele momento, o sacramento do batismo se realizou, mais verdadeiro do que se tivesse tido padre e reza.

De relance, à luz do luar refletida pelo telhado de zinco, dona Rosa vislumbrou a expressão de surpresa e gratidão estampada na fisionomia da vizinha, algemada.

E nunca mais se viram.

.....

* A antiga Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (Febem) passou por mudanças estruturais e pedagógicas em 2006 e atualmente se chama Fundação Casa. (N.E.)



2. A professora e o flanelinha

UM DIA, DONA ROSA FICOU SABENDO QUE A MÃE DE ROBSON havia falecido na prisão. Assim, o afilhado tornou-se seu filho para sempre.

Passaram-se alguns anos.

Robson, agora, era um garoto magro, baixo para os seus treze anos, com grandes e brilhantes olhos escuros e dentes perfeitos. Ele trazia o cabelo encarapinhado cortado curto e tentava estar sempre limpo, bem ao gosto de sua clientela de professores. Além disso, aprendera que ser simpático era obrigatório na sua profissão de flanelinha.

Naquela manhã, úmida e cinzenta, o automóvel azul, modelo popular, encostou na vaga já demarcada por dois caixotes, em uma rua transversal à da universidade.

O garoto aproximou-se com um sorriso. Pudera, fim de mês era o dia em que a professora Marília lhe pagaria pelos seus serviços.

Com o tempo, instaurara-se certa amizade entre a professora e ele, incentivada principalmente pela moça, especialista em sociologia.

— Bom dia, pssora! — cumprimentou ele.

— Bom dia, Robson — ela respondeu, enquanto saía do carro. — Hoje é o dia do seu pagamento... mas também precisamos conversar sobre um assunto muito sério — disse dona Marília, que, preocupada com o horário do início das aulas, deu uma espiada no relógio.

“Xiii... lá vem ela com aquele papo de escola”, pensou o garoto, conformado. E não deu outra:

— Robson, quando é mesmo que você volta a estudar? Afinal, você não está tão atrasado assim. Com treze anos dá pra recomeçar a sexta série*, numa boa. Não jogue o seu futuro fora, garoto!

— Tô planejando isso mesmo, dona, mas tenho que cuidar da minha madrinha. Ela está doente, não aguenta mais trabalhar muito, e catar papel tá dando cada vez menos dinheiro.

— Não me venha com essa desculpa! Você pode estudar à tarde, à noite... eu até posso ajudar, como já lhe prometi — disse a moça, persuasiva.

O menino acenou que sim e agarrou a nota dobrada que a moça lhe estendia. Diante do olhar surpreso da professora, abaixou-se e rapidamente colocou o dinheiro dentro do tênis furado. Mas foi justamente isso que a fez se lembrar:

.....

* Atualmente é o sétimo ano do Ensino Fundamental II. (N.E.)

— Robson, todo mundo na faculdade está preocupado. Você soube que ontem foi roubado o terceiro carro, destes estacionados em volta da universidade, só neste mês?

Robson ficou preocupado. Um fato como aquele poderia comprometer o seu trabalho de guardador de carros. A notícia não era nada, nada boa.